

## **A esperança cristã – a esperança dos pobres: um diálogo entre a *Meditação sobre a Esperança* de Moltmann e a *Esperança dos pobres* de Sobrino**

**Christian hope – the hope of poor people:  
a dialogue between a Moltmann's *Meditation on Hope* and  
Sobrino's *Hope of the poor*\***

**Antônio Ronaldo Vieira Nogueira\*\***

### **Resumo**

O artigo busca estabelecer um diálogo entre dois textos, *Meditação sobre a Esperança* e *Esperança dos pobres*, de dois grandes autores contemporâneos: Jürgen Moltmann e Jon Sobrino, respectivamente. Nesses dois textos, o tema comum é a esperança, dado humano fundamental, abordado desde o ponto de vista da Teologia. Esse tema ficou, por muito tempo, como apêndice teológico, mas tem sido largamente discutido nos últimos anos. Moltmann, um dos primeiros teólogos contemporâneos a resgatar esse tema, coloca a esperança como algo que perpassa toda a reflexão teológica. Sobrino aborda a esperança cristã, desde a teologia da libertação, como esperança concreta dos pobres da América Latina. Assim, ambos os autores oferecem uma contribuição bastante lúcida para aprofundarmos o tema da esperança desde o enfoque teológico.

**Palavras-chave:** Esperança; Teologia; Moltmann; Sobrino.

\* Artigo recebido em 16/03/2015 e aprovado para publicação em 25/05/2015.

\*\* Antônio Ronaldo Vieira Nogueira

## Abstract

The article seeks to establish a dialogue between two texts: *Meditation on Hope* and *Hope of the poor*, of two major contemporary authors: Jürgen Moltmann and Jon Sobrino, respectively. In both texts, the common theme is hope, an essential aspect of human life, discussed from the Theology point of view. This theme remained, simply as an appendix guide book of Theology for a long time, but it has been widely discussed in recent years. Moltmann, one of the first contemporary Theologians who reintroduced this issue, views hope as something that permeates every Theological reflection. Sobrino discusses the topic Christian hope, from the Liberation Theology standpoint, as the real hope of the poor people from Latin America. Thus, both authors provide a very clear contribution for us to further study the theme of hope from a theological approach.

**Keywords:** Hope; Theology; Moltmann; Sobrino.

## Introdução

A esperança é, sem dúvida, um dado humano. Quando a analisamos desde um ponto de vista teológico, precisamos ter consciência de que a teologia não detém o monopólio do que se pode dizer a respeito dela. Isso não significa, contudo, que o pensamento teológico nada tenha a dizer e a contribuir numa reflexão sobre a esperança. E essa reflexão teológica sobre a esperança é imprescindível, visto que constantemente devemos estar prontos a dar a razão de nossa esperança a todos que pedirem (cf. 1Pd 3,15). No entanto, por muito tempo, esse tema parece ter ficado silenciado ou ter servido simplesmente de apêndice na reflexão teológica.

Nosso pequeno ensaio quer refletir sobre o tema da esperança em dois grandes teólogos: Jürgen Moltmann e Jon Sobrino. Sem dúvida, Moltmann pode ser considerado um dos maiores teólogos da esperança, chamando a atenção para ela, especialmente com seu livro *Teologia da Esperança*. Já Sobrino é um dos maiores teólogos da teologia da libertação. Sua reflexão não é propriamente sobre a esperança, mas conseguiu traduzir em que consiste a esperança cristã: ela é a esperança dos pobres.

Apresentaremos panoramicamente alguns traços da esperança em Moltmann na sua *Meditação sobre a Esperança*, que introduz sua obra *Teologia da Esperança* e também como Sobrino concebe a esperança dos pobres na América Latina a partir de um artigo intitulado *A Esperança dos pobres na América Latina*.

## 1. A esperança na *Meditação sobre a Esperança* em Moltmann<sup>1</sup>

Moltmann inicia a sua *Meditação sobre a Esperança* com a pergunta pelo lugar que ocupa a escatologia cristã na reflexão teológica. Como reflexão sobre as coisas últimas, ela foi sendo deixada de lado na reflexão, especialmente quando a Igreja cristã tomou para si todas as atribuições do Estado Romano, perdendo sua eficácia mobilizadora e revolucionária da história agora vivida (cf. p.29). Para Moltmann, ela não pode mais ficar relegada a apêndice da teologia, mas deve envolver o todo, já que ela faz parte do todo:

Na realidade, a escatologia é idêntica à doutrina da esperança cristã, que abrange tanto aquilo que se espera como o ato de esperar, suscitado por esse objeto. O cristianismo é total e visceralmente escatologia, e não só como apêndice; ele é perspectiva, e tendência para frente, e, por isso mesmo, renovação e transformação do presente. O escatológico não é algo que se adiciona ao cristianismo, mas é simplesmente o meio em que se move a fé cristã. Aquilo que dá o tom a tudo que há nele, as cores da aurora de um novo dia esperado que tingem tudo o que existe. De fato, a fé cristã vive da ressurreição do Cristo crucificado e se estende em direção às promessas do retorno universal e glorioso do Cristo. [...] A escatologia não pode ser simplesmente parte da doutrina cristã. Ao contrário, toda pregação e mensagem cristãs têm uma orientação escatológica, a qual é também essencial à existência cristã e à totalidade da igreja (p.30)<sup>2</sup>.

É devido a essa orientação escatológica da reflexão teológica que, segundo o teólogo alemão, o problema que existe na teologia cristã é o do futuro: “aquilo que encontramos [...] como objeto da esperança é o ‘o Outro’, algo que não podemos pensar nem imaginar a partir das experiências que já tivemos e da realidade dada. Algo que [...] nos é apresentado como promessa de algo ‘novo’, o objeto de esperança que está no futuro de Deus” (p.30). O sentido clássico de escatologia como doutrina do fim se torna problemático, pois não há doutrina sobre o futuro. Se o que há de vir é o novo, então a escatologia deve ser doutrina do advento que traz consigo o novo.

---

<sup>1</sup> A numeração de página que se segue, sem outra anotação, referem-se a MOLTSMANN, Jürgen. *Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã*. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Loyola, 2005.

<sup>2</sup> Kuzman, baseando-se em outros autores, explicita as três teses básicas da teologia de Moltmann presentes nessa citação e que serão desenvolvidas ao longo da obra: 1) o cristianismo como escatologia do início ao fim; 2) a ressurreição como fundamento cristológico da escatologia cristã; 3) o problema do futuro (cf. KUZMAN, Cesar Augusto. *A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann*. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2005 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0612059\\_07\\_Indice.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0612059_07_Indice.html)>. Acessado em 28/set/2014. pp.107-108). Diz o mesmo autor: “No fundo ele quer afirmar que toda a essência desta escatologia encontra-se na definição de esperança. É uma esperança que interage no meio em que está; é *dinâmica* e ao mesmo tempo *crítica* da realidade. Por se fundamentar no Cristo ressuscitado como alicerce intransponível da fé ela se projeta totalmente ao futuro, mas de maneira bem enraizada no passado. Ela não serve como fuga da história, mas como orientação a existência da mesma” (*Ibidem*, p.108).

Moltmann afirma que a escatologia fala de futuro, enquanto novo, tomando como ponto de partida uma determinada realidade histórica e prediz o futuro da mesma, suas possibilidades futuras e sua eficácia futura. "A escatologia cristã fala de Jesus e de seu futuro. Conhece a realidade da ressurreição de Jesus e anuncia o futuro do ressuscitado. Por isso, para ela, a fundamentação de todas as afirmações sobre o futuro na pessoa e na história de Jesus Cristo é a pedra de toque para todos os espíritos escatológicos e utópicos" (pp. 31-32). O modo como a revelação fala de Cristo é como promessa. Enquanto autocomunicação de Deus, do definitivo, a revelação só é possível ao modo de promessa, senão traria o fim da história. A revelação aponta para o futuro ao modo de promessa, senão Deus se esgotaria na revelação.

A promessa, contudo, está em desacordo com a realidade: "as afirmações da esperança estão necessariamente em contradição com a realidade presente e experimentável. Elas não resultam de experiências, mas constituem uma condição para que sejam possíveis novas experiências" (p.32). A contradição em meio à qual a esperança coloca o ser humano frente à realidade de si mesmo e do mundo, é a contradição entre a ressurreição e a cruz: "a esperança cristã é uma esperança de ressurreição e demonstra sua verdade pela contradição entre o presente e o futuro por ela visualizado, futuro de justiça contra o pecado, de vida contra a morte, de glória contra o sofrimento, de paz contra a divisão" (p.33). É justamente nessa contradição que a esperança mostra sua força, sendo fundamento e mola propulsora do pensamento teológico (cf. p.34).

Dentro dessa reflexão, a fé aparece como resposta à revelação na forma de promessa. Crer na promessa é ter esperança. Crer significa transpor barreiras, mas sem subestimar nem superestimar a realidade opressiva. Desse modo, Moltmann relaciona da seguinte maneira fé e esperança: "A fé reconhece a irrupção desse futuro amplo e livre no evento de Cristo; a esperança que aí se inflama mede os horizontes que se abrem para uma existência antes fechada. A fé une o ser humano a Cristo, a esperança abre essa fé para o vasto futuro de Cristo". Desse modo, diz nosso autor: "a esperança é a 'companheira inseparável' da fé. [...] Na vida cristã [...] a fé é o *prius*, mas a esperança detém o primado" (p.35). Sem conhecimento de Cristo pela fé, a esperança se torna utopia, mas sem esperança a fé torna-se pequena e morta. A fé faz o ser humano entrar no caminho da verdadeira vida e a esperança o mantém nesse caminho. "A fé em Cristo transforma a esperança em confiança e certeza; a esperança torna a fé em Cristo ampla e dá-lhe vida" (p.35).

Para quem tem esperança, a ressurreição de Cristo é contradição criada por Deus contra o sofrimento e a morte, contra a humilhação e a ofensa, contra a maldade do mal. "Cristo, para a esperança, não é só consolo em meio à dor, mas também o protesto da promessa de Deus contra o sofrimento" (p.36). Dessa maneira, a fé que se desenvolve em esperança será sempre inquieta:

[...] a fé, sempre que se desenvolve em esperança, não traz quietude, mas inquietude; não traz paciência, mas impaciência. Ela não acalma o *cor inquietum*, mas é esse *cor inquietum* no ser humano. Quem espera em Cristo não pode mais se contentar com a realidade dada, mas começa a sofrer devido a ela, começa a contradizê-la (pp.36-37)<sup>3</sup>.

É por causa dessa esperança que o ser humano se mantém insatisfeito até que se cumpram as promessas de Deus. Essa esperança torna também a Igreja perpetuamente inquieta no meio da sociedade, questionando tudo o que é tido como permanente, relativizando tentativas de estabilização meramente humanas. Por causa da esperança, a Igreja pode ser muito censurada, mas “sempre que isto acontece, o cristianismo se encontra em sua verdade e é testemunha do futuro de Cristo” (p.37).

Diante disso, a falta de esperança aparece para Moltmann como pecado da descrença: “Se a fé, para ser viva, depende da esperança, então o pecado da descrença evidentemente é sustentado pela desesperança” (p.37). O desespero aparece como pecado porque não vê o possível em Deus, não dá o passo da confiança. Assim, para nosso autor, o pecado que mais ameaça o crente é a omissão: “Este é o pecado que mais profundamente ameaça o crente. Não o mal que faz, mas o bem que deixa de fazer; não são as suas más ações que o acusam, mas as suas omissões. Elas o acusam de falta de esperança; pois os assim chamados pecados de omissão se fundamentam todos na desesperança e na pouca fé” (p.38).

É importante destacar ainda que o desespero não precisa ser tão explícito, mas pode estar implícito na simples e silenciosa ausência de sentido, de perspectiva, de ideal (cf.p.39). Além desse risco de desespero, há ainda o risco de presunção. Tampouco essa atitude é de esperança, pois dá por conquistado o bem que ainda não conquistou. Assim, “nem na presunção nem no desespero se encontra a força de renovação da vida, mas tão somente na esperança perseverante e segura de si. Presunção e desespero se alimentam dessa esperança e bebem às custas dela” (p.40).

A esperança caminha entre o desespero e a presunção, sustentada pelo possível. É por isso que, para Moltmann, “somente a esperança pode ser chamada de ‘realista’, pois somente ela toma a sério as possibilidades que impregnam tudo o que é real. Ela não toma as coisas na sua estática ou inércia, mas considera a forma como caminham, se movem e são mutáveis em suas possibilidades” (pp.40-41).

Mas Moltmann considera que a maior objeção a uma teologia da esperança vem do presente: “As lembranças e as esperanças parecem frustrá-lo (o ser humano) quanto à felicidade de existir indivisamente no presente. Elas o privam de seu presente, arrancam-no e o lançam para tempos que não existem mais ou ainda não existem” (p.42). O teólogo alemão faz uma passagem por alguns autores e critica o ser eterno de

---

<sup>3</sup> Como bem observa Kuzman (*op.cit.*, p.112), “a inquietude faz parte da esperança cristã. Ela não se conforma com o que é apresentado quando este contradiz com o que foi prometido”.

Parmênides que penetrou na teologia cristã. Para ele, o eterno como presente destrói a sucessão do tempo; não há novidade no ser eterno. Esse não é o Deus cristão:

O Deus do êxodo e da ressurreição não “é” eterna presença, mas promete a sua presença e proximidade àquele que obedece à sua missão rumo ao futuro. YHVH, o nome do Deus que antes de tudo promete a sua presença e o seu reino situado na perspectiva do futuro é um ‘Deus que tem o futuro como propriedade do ser, o Deus da promessa e da irrupção para fora do presente em direção ao futuro, o Deus de cuja liberdade jorra o futuro e o novo (p.47).

Aqui aparece a importância da *parusia*. Para os gregos significava a presença do ser. No Novo Testamento, no entanto, a *parusia* aponta para o *adventus Christi*, que manifesta vida no tempo, que manifesta a esperança. O crente vive na espera das promessas daquele que criou tudo do nada e age ressuscitando Jesus<sup>4</sup>. Assim, o círculo da desesperança é rompido quando Deus ressuscita alguém dos mortos: “quando começamos a viver na fé e na esperança das possibilidades e promessas desse Deus, abre-se diante de nós toda a plenitude da vida enquanto vida histórica, a qual assim pode ser amada” (p.48).

É dentro desse horizonte que Moltmann apresenta a relação entre esperança e amor: “somente no horizonte desse Deus se torna possível um amor que é mais do que *filía*, amor ao existente e ao igual, mas *agápe*, amor para com o não existente, amor para com o desigual, com o indigno, sem valor, perdido, transitório e morto”; somente esse amor “[...] é capaz de tomar sobre si o que há de aniquilador na dor e na alienação de si mesmo, porque tira a sua força da esperança na *creatio ex nihilo*” e, assim, “pela esperança, o amor mede as possibilidades que lhe foram abertas na história. Pelo amor, a esperança tudo encaminha para as promessas de Deus” (pp.48-49).

Para Moltmann essa esperança é a felicidade do presente: “a espera torna a vida agradável, pois, esperando, o ser humano pode aceitar todo o seu presente e encontrar prazer não só na alegria, mas também na dor” e, desse modo, “a esperança atravessa a felicidade e dor, porque é capaz de ver um futuro também para o que passa, o que morre e o que está morto, futuro que está nas promessas de Deus” (p.49).

Concluindo, diz o teólogo alemão: “A esperança colocada no *creator ex nihilo* se torna felicidade no presente, quando pelo amor se mostra fiel a tudo, nada deixando ao nada, mas mostrando a tudo a abertura em direção ao possível, onde poderá viver e viverá” (p.49).

---

<sup>4</sup> A ressurreição de Jesus aparece como a pedra de toque da *Teologia da Esperança* de Moltmann que, segundo muitos autores, poderia ser chamada Teologia da Ressurreição. A Ressurreição de Jesus é a ação de Deus que criou do nada e agora tira vida do nada da morte. A ressurreição garante a veracidade da promessa, se confirma que Deus pode cumprir suas promessas. O desenvolvimento desse tema se encontra no capítulo 3 da *Teologia da Esperança*. Aqui apenas acenamos para isso, mas não é propriamente o tema desse trabalho.

## **2. A esperança dos pobres em *A esperança dos pobres na América Latina* de Jon Sobrino<sup>5</sup>**

Jon Sobrino não tratou propriamente do tema da esperança em seus escritos. O que iremos apresentar a respeito do seu pensamento sobre a esperança é fruto de uma conferência realizada no II Congresso de Teologia e Pobreza que tinha como tema "Esperança dos pobres, esperança cristã" e foi realizado em Madri, de 5 a 12 de setembro de 1982. Coube a ele falar da esperança dos pobres na América Latina. Aqui está presente de maneira bastante lúcida como se reflete sobre a esperança dentro do horizonte da teologia da libertação.

O autor, para falar da esperança dos pobres na América Latina, vai partir da realidade, o que é fundamental para que a pobreza não desapareça atrás do conceito e mais ainda para a esperança, que é um verdadeiro milagre cuja existência e conteúdos não são evidentes e só podem ser constatados *a posteriori*, com assombro e agradecimento (cf. pp.185-186). A resposta adequada a essa realidade de pobreza, segundo ele, é dada somente quando ela é captada como interpelação de Deus ("Que fizeste com teu irmão?"), mas também como boa nova, que pode dar esperança, procurada muitas vezes em vão na ilusão de um homem "total" e não como se deveria: na utopia de um homem "novo", convertido e rebaixado a pobreza, mas cheio de dignidade, entrega e esperança (cf. p.186).

Para Sobrino há uma diferença entre a pobreza do primeiro e do terceiro mundo. A pobreza do primeiro mundo se compreende pelo distanciamento, maior ou menor, de certos níveis de bem-estar já alcançados. O polo referencial é um grau de bem-estar já alcançado e possível. Na América Latina, o polo referencial é extremamente negativo: é a morte.

Pobreza é uma miséria que aproxima realmente da morte; pobres são aqueles cuja vida acha-se realmente ameaçada pelas estruturas socioeconômicas. Dito de modo teológico e teologal, a pobreza na América Latina significa que a criação de Deus está realmente ameaçada, que o primigênio plano de Deus para os homens não só não se cumpre cabalmente ou com algumas limitações, mas que está pervertido, pois são imensas maiorias aquelas para quem está em jogo simplesmente seu ser-criado (p.188).

No terceiro mundo, a cotidiana miséria gera a morte de milhões de seres humanos, significando a deterioração da criação de Deus. A pobreza aparece como fruto do pecado que nega a primigênia vontade de Deus. Por isso se diz que o pecado é mortal, já que a negação da vontade de Deus se manifesta no fato de que há morte e nela o pecado revela sua

---

<sup>5</sup> Cf. SOBRINO, Jon. A esperança dos pobres na América Latina. In: \_\_\_\_\_. Espiritualidade da Libertação: estrutura e conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992 (Teologia da Libertação, comentários 10), pp. 185-198. As páginas citadas no texto referem-se a esse capítulo.

mais profunda essência (cf. p.188). O que o autor pretende é que se leve a sério a pobreza e se trabalhe por sua superação eficaz, o que se pode resumir das palavras de Dom Romero: "é preciso defender o mínimo, que é o máximo dom de Deus: a vida" (*apud* SOBRINO, p.189).

A pobreza não é fenômeno histórico de empobrecimento. É dialética: há pobres porque há ricos e há ricos porque há pobres. E quando os pobres tomam consciência dela e se organizam para lutar contra a estrutura injusta, esta se volta contra eles para reprimi-los. Aparece uma nova relação da morte com a pobreza: os pobres são assassinados por serem pobres. Agora "o pobre se converte no servo sofrendor de Javé. Como aquele, os pobres tentaram implantar o direito e a justiça entre os povos; e, como aquele, acontece-lhes o destino de morte [...] Os pobres são, hoje, os povos crucificados" (p.190).

A pobreza descrita é trágica e questionadora. Mas esses pobres têm esperança e isso é escandalosamente surpreendente. A esperança é uma das características essenciais que qualifica sua pobreza e sem ela não se pode compreender adequadamente os pobres (cf.p.190). Há muitos textos, como o AT e o NT, Medellín e Puebla, que mostram uma correlação cristã entre pobreza e esperança de tal modo que se poderia perguntar se pode haver esperança cristã que não seja dos pobres, se na esperança dos pobres não se daria o *analogatum princeps* da esperança cristã, na qual outros podem participar na medida em que participam da esperança dos pobres. A esperança dos pobres deve ser descrita a partir da pobreza. Só assim se pode agir e reagir cristãmente diante da pobreza. Ela está em relação formal com o futuro, mas também tem eficácia para o presente dos pobres (cf. p. 191).

A esperança dos pobres aponta para um futuro captado como dom e promessa e como exigência e ação: "essa esperança consiste em que aquilo que durante muito tempo pareceu impossível, agora se oferece como possibilidade; dito segundo o seu conteúdo, essa esperança consiste na vida" (p.192).

As características dessa esperança:

[...] a esperança dos pobres é ativa, que levou a sua organização ao nível social, político, eclesial e, em casos-limite, também militar. É uma esperança dialética e conflitiva, pois é esperança contra o presente e contra o passado — diferentemente de outras esperanças no Primeiro Mundo, que vêm num passado recente um paraíso perdido —, e é esperança que luta por destruir as raízes profundas da pobreza e da morte, contra as quais as querem conservar. É uma esperança sóbria, embora passe por momentos eufóricos, e persistente, porque aprende também a não confundir as possibilidades da história com uma iminente parusia. É uma esperança na libertação dos pobres, realizada substancialmente pelos próprios pobres. É isto que o ideal de "revolução" recolhe, embora de forma dramática e manipulável: é a colocação em ação da esperança dos pobres (p.192).

Essa nova esperança, segundo o autor, já deixa frutos no presente, ainda de forma tímida, mas certamente real. Há uma *metanóia* para os pobres, não na situação de pobreza, necessariamente, mas no espírito com que a vivem: “[...] os pobres esperançosos já tornam frutífera sua esperança, sem cair na espera de fáceis messianismos nem na resignação, já vivem com um espírito diferente”. Isso se dá quando mantém vivo o espírito: “[...] Pobres com espírito, pobres com alegria, que sabem chorar, mas também cantar; que sabem enterrar seus mortos, mas também celebrá-los como mártires, constituem um imenso perigo para os opressores. E, se são perigo, é porque em meio à pobreza mantém vivo o espírito” (p.194).

Essa esperança descrita não nega a esperança transcendente: a grande maioria dos pobres latino-americanos é cristã, por isso crê na esperança transcendente, manifestada no grande número de eucaristias por seus mortos e assassinados. A novidade, para Sobrino, consiste em que a esperança transcendente está englobada numa primigênia, uma meta-esperança, da qual a esperança histórica e transcendente constituem dois momentos distintos, porém complementares:

A esperança histórica, enquanto para estes pobres é na verdade novidade, milagre e escândalo bem-aventurado, é mediação daquilo que na esperança transcendente há de novo, prodigioso e de escandalosa bem-aventurança. E, ao contrário, a esperança escatológica, por ser formulação radical da esperança, é a que outorga radicalidade à esperança histórica e a que se torna presente na alegria e liberdade com que já se vivem situações históricas extremamente dolorosas e escravizantes (p.195).

Assim, para o autor, o que é chamado meta-esperança se tornou realidade

[...] pelo descobrimento que os pobres fizeram de Deus como um Deus dos pobres. E nesse Deus depositam sua absoluta confiança. Quando se dá essa esperança, a esperança existe; e quando essa confiança se deposita realmente em Deus, por si não estabelece limites, e é por isso com naturalidade uma esperança histórica e transcendente (p.195).

Feita essa descrição, o autor busca esclarecer a raiz religiosa da esperança dos pobres, a qual se apresenta agora com força e clareza por se ter tornado mais explicitamente evangélica e cristã. No fundo a esperança dos pobres vive de uma nova relação e nova correspondência com Deus e por isso pode ser denominada teologal e é um momento da relação teologal que deve ser compreendido com relação à fé e à caridade.

A relação da esperança com a fé se dá no descobrimento da proximidade de Deus. A categoria usada por Sobrino é a da encarnação. Diz o autor: “Os pobres da América Latina têm fé em Deus; tem fé em Deus enquanto eles são pobres e com base nisto acreditam num Deus dos

pobres” (p.196). A partir dessa fé se descobre a parcialidade de Deus para com os pobres: isso aparece no Êxodo, nos profetas e mais claramente em Jesus (cf. p.196).

Essa parcialidade de Deus para com os pobres faz com que estes últimos captem a boa nova que Deus tem para eles; captem o modo como Deus se relaciona com eles que é comunicando-lhes esperança: “essa esperança é a primeira coisa que a revelação de Deus a eles suscita, voltar a atenção de Deus para eles. O Êxodo diz que Deus resolveu libertá-los; Jesus começa anunciando a boa nova do reino de Deus para os pobres; a ressurreição de Jesus afirma que há justiça e, por isso, esperança para os crucificados” (p.196). Fé e esperança não são magnitudes separáveis, mas a esperança expressa a forma primeira da fé em Deus que os pobres têm. Essa fé-esperança se torna realidade nos pobres porque Deus se tornou crível para eles, já que viram Deus perto deles: “Deus dá esperança porque é crível, e é crível porque está próximo dos pobres” (p.196).

A base dessa fé é a encarnação: ela é decisiva, pois Jesus não se encarnou em qualquer mundo, mas no dos pobres e nem assumiu qualquer carne, mas a fraca e frágil e nem defendeu qualquer causa senão a causa dos pobres e não teve qualquer destino, mas o destino dos pobres. “Essa proximidade de Deus que é Jesus, esse verdadeiro compartilhar da realidade e do destino dos pobres, é o que torna Deus crível, bem como suas promessas. Quanto maior o grau de proximidade de Deus, maior sua credibilidade e maior a esperança” (p.197). Os pobres “acreditam [...] num Deus que tem uma boa nova para eles, e acreditam nele porque ele proclama essa boa nova a partir deles. [...] É uma fé profundamente dialética, pois crêem num Deus libertador e num Deus crucificado. Manter ambas as coisas é o que mantém a teimosia de sua esperança” (p.197).

A esperança também está em intrínseca relação com o amor. Aqui é fundamental o amor martirial aos irmãos que expressa o amor a Deus. O autor afirma que à esperança deve estar unida também a caridade como modo de corresponder à própria realidade de Deus. A prática dos pobres inclui ativamente o outro. É por causa dessa referência ao outro que suas lutas são formalmente amor. Algumas vezes, reconhece o autor, a realização concreta desse amor é acompanhada de erros e pecados, mas seria grave equívoco não reconhecer que o que levou os pobres a trabalhar e lutar foi o amor aos seus irmãos: “A esperança que Deus suscitou neles se transformou em ativo amor pelos outros” (p.198).

O autor destaca dentre as manifestações desse amor a generosidade sem limites da entrega: muitos dão a própria vida. Claro que pode haver o elemento do desespero que faz verossímil jogar-se à morte, mas não se pode desconhecer o amor que existe nos milhares de mártires: “a explicação teológica dessas mortes é simples: muitos pobres entregam sua vida para que os outros tenham vida. Com isto reproduzem o gesto de Jesus e sua vida se torna realmente teologal; correspondem à realidade amorosa de Deus” (p.198). O martírio, como expressão e

produto do amor, gera esperança. É o paradoxo da esperança que brota da cruz, porque é expressão máxima de amor. O alto número de mártires dá aos pobres a "nuvem de testemunhas" que ajuda sua fé a não titubear, mas faz também que se mantenha sua esperança, pois essa surge da convicção de que não há nada mais real e frutífero que o amor (cf. p.198).

Conclui o autor: "A esperança dos pobres não é, portanto, uma dimensão de sua vida que brote e cresça automaticamente [...] mas na medida em que existir uma fé num Deus dos pobres e uma prática da caridade em favor desses mesmos pobres" (p.198).

## **Conclusão**

A necessidade de dar as razões da esperança (cf. 1Pd 3,15) é algo fundamental para a vida cristã diante do contexto em que vivemos. A confiança no progresso da ciência, tal como vimos no século passado, provocou uma excessiva e contagiante sensação de que tudo seria resolvido e que a humanidade havia chegado ao "estágio adulto" de seu amadurecimento, não havendo mais necessidade de Deus. Contudo, as experiências catastróficas das duas grandes guerras, com os milhares de seres humanos massacrados fizeram cair por terra tais expectativas. Hoje, tem-se a sensação de certo descrédito de tudo e até uma falta de esperança *no e por parte do ser humano*. A reflexão teológica deve, então, manter-se firme no objetivo de dar as razões da esperança, dado humano fundamental, apresentando sua contribuição.

Nesse sentido, parece-nos bastante lúcida a reflexão dos dois teólogos ora apresentados. Moltmann destaca a centralidade da esperança dentro da reflexão teológica. Sobrino concretiza a esperança cristã como esperança dos pobres.

A tese de Moltmann explicita como a esperança perpassa toda a reflexão teológica. É ela que alimenta e impele a fé, fazendo o crente entrar na dinâmica do amor. A esperança apresenta-se como confiança nas promessas de Deus que vem ao encontro do homem como advento, ajudando-o a viver intensamente sua vida no presente, questionando toda realidade que se pretenda absoluta. A contradição do que é prometido com o presente faz do homem um ser inquieto e essa inquietude ajuda a construir algo sempre novo, movido pela esperança.

É justamente nesse último ponto que, a nosso ver, a reflexão de Sobrino pode dar uma contribuição fundamental. A esperança da qual ele fala é uma esperança bem concreta que surge de um lugar concreto: o mundo dos pobres e excluídos. Se diante de tamanha opressão e miséria, "verdadeira injustiça que clama aos céus", como alerta o documento de Medellín, há esperança em Deus que se faz próximo e prática do amor que nos faz afins a Deus, então a teologia, para dar as razões da esperança, deve estar encarnada nesse mundo dos pobres e excluídos, reagindo cristãmente com misericórdia a fim de erradicar o mal da pobreza injusta que assola a humanidade e nega o projeto de Deus.

Sem dúvida, a esperança não decepciona (cf. Rm 5,5), e não decepciona porque nos faz lutar teimosamente contra todo obstáculo que nos impede de ir ao encontro das promessas de Deus, promessas que se concretizam na sua parcialidade para com os pobres e excluídos. A vida cristã e a reflexão teológica continuam dando as razões da esperança, na medida em que se deixam impelir por ela na construção do Reino de Deus, dom e tarefa para o ser humano. Assim, a teologia não só ajuda a refletir, mas a construir um mundo segundo a esperança.

## Referências

- KUZMAN, Cesar Augusto. A esperança cristã: fundamentos e reflexões na teologia de Jürgen Moltmann. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2005 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0612059\\_07\\_Indice.html](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0612059_07_Indice.html)>. Acessado em 28/set/2014.
- MOLTMANN, Jürgen. Teologia da Esperança: estudos sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. 3.ed. rev. e atual. São Paulo: Loyola, 2005.
- SOBRINO, Jon. A esperança dos pobres na América Latina. *In*: \_\_\_\_\_. Espiritualidade da Libertação: estrutura e conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992 (Teologia da Libertação, comentários 10), pp. 185-198.